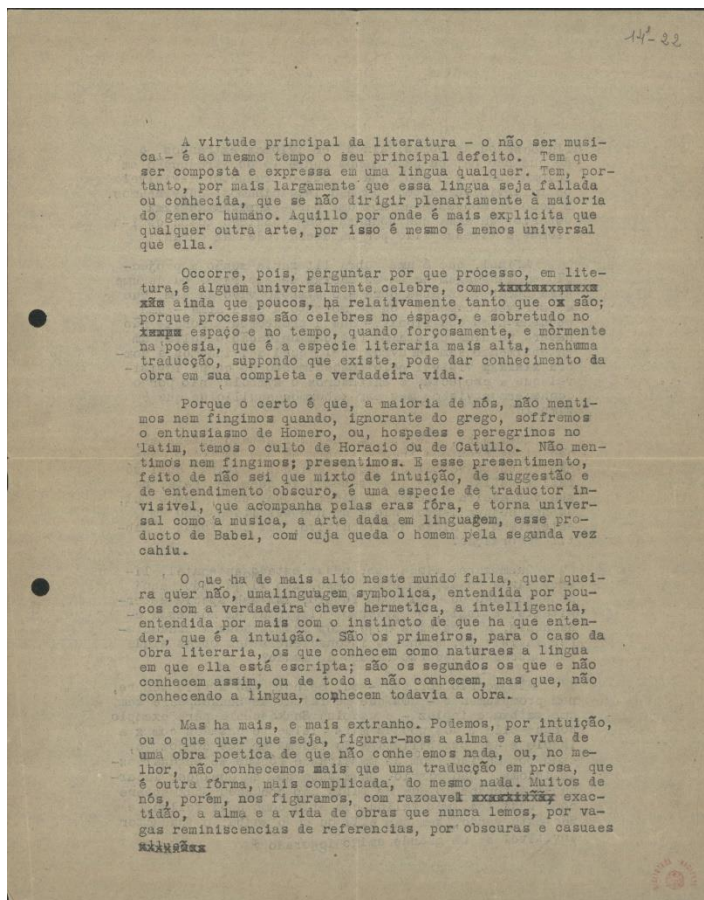




A virtude principal da literatura - o não ser musica - é ao mesmo tempo o seu principal defeito. Tem que ser composta e expressa em uma lingua qualquer. Tem, portanto, por mais largamente que essa lingua seja fallada ou conhecida, que se não dirigir plenariamente à maioria do genero humano. Aquillo por onde é mais explicita que qualquer outra arte, por isso é mesmo é menos universal que ella.

Occorre, pois, perguntar por que processo, em literatura, é alguém universalmente celebre, como, ~~tantos que o são~~ ainda que poucos, ha relativamente tanto que ~~os~~ são; porque processo são celebres no espaço, e sobretudo no ~~tempo~~ espaço e no tempo, quando forçosamente, e mórmente na poesia, que é a especie literaria mais alta, nenhuma traducção, suppondo que existe, pode dar conhecimento da obra em sua completa e verdadeira vida.

Porque o certo é que, a maioria de nós, não mentimos nem fingimos quando, ignorante do grego, soffremos o entusiasmo de Homero, ou, hospedes e peregrinos no latim, temos o culto de Horacio ou de Catullo. Não mentimos nem fingimos; presentimos. E esse presentimento, feito de não sei que mixto de intuição, de suggestão e de entendimento obscuro, é uma especie de traductor invisivel, que acompanha pelas eras fóra, e torna universal com a musica, a arte dada em linguagem, esse producto de Babel, com cuja queda o homem pela segunda vez cahiu.

O que ha de mais alto neste mundo falla, quer queira quer não, uma linguagem symbolica, entendida por poucos com a verdadeira chave hermetica, a intelligencia, entendida por mais com o instincto de que ha que entender, que é a intuição. São os primeiros, para o caso da obra literaria, os que conhecem como naturaes a lingua em que ella está escripta; são os segundos os que e não conhecem assim, ou de todo a não conhecem, mas que, não conhecendo a lingua, conhecem todavia a obra.

Mas ha mais, e mais extranho. Podemos, por intuição, ou o que quer que seja, figurar-nos a alma e a vida de uma obra poetica de que não conhecemos nada, ou, no melhor, não conhecemos mais que uma traducção em prosa, que é outra fórmula, mais complicada, do mesmo nada. Muitos de nós, porém, nos figuramos, com razoavel ~~exactidão~~ exactidão, a alma e a vida de obras que nunca lemos, por vagas reminiscencias de referencias, por obscuras e casuaes ~~allusões~~ allusões.

BNP/E3, 14¹ - 22^v

Transcrição

allusões, ou de obras, ainda, em idiomas estranhos, e de que não ha, ou pelo menos nunca lemos, traducção em idioma que nol-o não seja. Aqui o traductor invisível opera invisivelmente. Já não intuicionamos: adivinhamos. É como se houvesse em nós uma parte superior da alma que soubesse por condição todos os idiomas e tivesse lido por natureza todas as obras.

Afinal, que é uma obra literaria senão a projecção em linguagem de um estado ~~xxx~~ de espirito, ou de uma alma humana? E essa obra é o symbolo vivo da alma que a escreveu (compoz), ou do momento d'essa alma - uma pequena alma occasional - que a projectou. Porque não haverá de alma para alma uma comunicação occulta, um entendimento sem palavras, pelo qual adivinhemos a sombra ~~xxxxxx~~ visível pelo conhecimento do corpo invisível que a projecta, e entendemos o symbolo, não por o conhecermos visto, mas por sabermos aquillo de que é symbolo?

Quem sabe, até, se em qualquer estado antenatal, não vimos frente a frente a obra em seu espirito, que não no corpo verbal que aqui tem; que, ouvindo aqui só fallar nella, desde logo sabemos de quem se trata, na sua verdadeira essencia e vida; e que, pois, lendo mal, ou nem sequer lendo, não é em nós suscitado, não um entendimento, ainda que intuitivo, mas uma funda e subtil recordação?

Quem sabe, ainda, se, nesse estado antenatal, livres ainda do espaço e do tempo, não vi já tudo, aqui hoje passado ou aqui hoje futuro, ~~mas~~ sub specie aeternitatis; e assim, se pudermos dispertar em nós essa anamnesis, não estamos hoje, nós mesmos nossos traductores invisíveis, senhores inconscientes das obras ainda por nascer no decurso futuro do mundo?

Não sorrio porisso - ou, melhor, não sorrio sempre, nem promptamente ~~+~~ dos que me fallam de Shakespeare sem que saibam o inglez - e escolha Shakespeare para exemplo porque elle é dos poetas mais fielmente casados com a indole e as possibilidades do idioma em que compoz, e, como bom marido, com as maneiras e fórmas de enganar esse idioma. Não sorrio. Quem sabe se, em qualquer incarnação anterior, o que me falla não conheceu Shakespeare como aqui foi, não fallou com elle como aqui fallou, e não está sendo, sem que elle ou eu o saiba, o traductor invisível de um grande amigo ignorado?

allusões, ou de obras, ainda, em idiomas estranhos, e de que não ha, ou pelo menos nunca lemos, traducção em idioma que nol-o não seja. Aqui o traductor invisível opera invisivelmente. Já não intuicionamos: adivinhamos. É como se houvesse em nós uma parte superior da alma que soubesse por condição todos os idiomas e tivesse lido por natureza todas as obras.

Afinal, que é uma obra literaria senão a projecção em linguagem de um estado ~~de~~ de espirito, ou de uma alma humana? E essa obra é o symbolo vivo da alma que a escreveu ~~/(compoz)~~, ou do momento d'essa alma - uma pequena alma occasional - que a projectou. Porque não haverá de alma para alma uma comunicação occulta, um entendimento sem palavras, pelo qual adivinhemos a sombra ~~vista~~ visível pelo conhecimento do corpo invisível que a projecta, e entendemos o symbolo, não por o conhecermos visto, mas por sabermos aquillo de que é symbolo?

Quem sabe, até, se em qualquer estado antenatal, não vimos frente a frente a obra em seu espirito, que não no corpo verbal que aqui tem; que, ouvindo aqui só fallar nella, desde logo sabemos de quem se trata, na sua verdadeira essencia e vida; e que, pois, lendo mal, ou nem sequer lendo, não é em nós suscitado, não um entendimento, ainda que intuitivo, mas uma funda e subtil recordação?

Quem sabe, ainda, se, nesse estado antenatal, livres ainda do espaço e do tempo, não vimos já tudo, aqui hoje passado ou aqui hoje futuro, ~~sub~~ sub specie aeternitatis; e assim, se pudermos dispertar em nós essa anamnesis, não estamos hoje, nós mesmos nossos traductores invisíveis, senhores inconscientes das obras ainda por nascer no decurso futuro do mundo?

Não sorrio porisso - ou, melhor, não sorrio sempre, nem promptamente ~~+~~ dos que me fallam de Shakespeare sem que saibam inglez - e escolha Shakespeare para exemplo porque elle é dos poetas mais fielmente casados com ~~+~~ a indole e as possibilidades do idioma em que compoz, e, como bom marido, com as maneiras e fórmas de enganar esse idioma. Não sorrio. Quem sabe se, em qualquer incarnação anterior, o que me falla não conheceu Shakespeare como aqui foi, não fallou com elle como aqui fallou, e não está sendo, sem que elle ou eu o saiba, o traductor invisível de um grande amigo ignorado?

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).